

VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE DO CANSAÇO: UMA CRÍTICA AO CAPITALISMO POR BYUNG-CHUL HAN

VIOLENCE IN THE SOCIETY OF TIREDNESS: A CRITICISM OF CAPITALISM BY BYUNG-CHUL HAN

*VIOLENCIA EN LA SOCIEDAD DEL CANSANCIO: UNA CRÍTICA AL CAPITALISMO POR BYUNG-
CHUL HAN*

Bruno Freitas Santos

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT IFSertãoPE). Professor da Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia, Remanso - BA, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-9796-7159>

e-mail: brunofreitas2017@outlook.com.br

Gabriel Kafure da Rocha

Docente do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO IFSertãoPE), Doutor em Filosofia pela UFRN. Petrolina – PE, Brasil.

<http://orcid.org/0000-0001-7088-6239>

E-mail: Gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br

Debora Maria dos Santos

Professora Substituta de Jornalismo pela UESPI, Bolsista Capes DS, Doutoranda em Comunicação Social pela UFPE, Petrolina – PE, Brasil

<http://orcid.org/0000-0003-1451-8102>

E-mail: deboramariasantos1@gmail.com

Aline Araújo de Lima

Professora do ensino fundamental da rede municipal de Fortaleza, Mestranda em Filosofia pela UECE, Fortaleza – CE, Brasil.

<https://orcid.org/0009-0001-3321-3163>

E-mail: alinearaujodelima5@gmail.com

Rafael Douglas Sousa de Andrade

Bolsista FUNCAP, Mestrando em Filosofia pela UECE, Fortaleza – CE, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-5069-3077>

E-mail: rafaeldouglassousa@hotmail.com

RESUMO

O presente ensaio tem o objetivo de analisar os efeitos desastrosos do capitalismo à frente da figura do trabalhador e do tipo de sociedade que vêm sendo constituídos ao longo dos séculos da humanidade, através da perspectiva, principalmente, de Byun-Chul Han, bem como da visão de Baudrillard, Krenak, Gadamer e outros. Visando ainda, fazer uma breve contextualização sobre a presença do capital como mola de exploração e de alienação, buscou-se verificar quais são as melhores estratégias para amenizar os diversos problemas de ordem física e emocional, que afetam o mercado de trabalho. Para tanto, o tipo de pesquisa adotada para este estudo foi a pesquisa bibliográfica, na qual consiste numa revisão de literatura, analisando os pontos principais da obra *A sociedade do cansaço*. Assim, conclui-se que o estudo chegou no âmago da

necessidade humana, visto que o ser humano não é como uma máquina de trabalho projetada e controlada para o trabalho e, sim uma subjetividade carente dos afetos que potencializem o seu ser.

PALAVRAS-CHAVES: Violência; Sociedade; Cansaço; Desempenho.

ABSTRACT

This essay aims to analyze the disastrous effects of capitalism in relation to the figure of the worker and the type of society that has been constituted throughout the centuries of humanity through the vision mainly of Byun-Chul Han, but also Baudrillard, Krenak, Gadamer et al. Aiming also to provide a brief contextualization of the presence of capital as a spring of exploitation and alienation, we sought to verify which are the best strategies to alleviate the various physical and emotional problems that affect the job market. The type of research that was adopted is bibliographical research, which consists of a literature review, analyzing the main points of the work *The Fatigue Society*. Thus, it is concluded that the study reached the heart of human need, since the human being is not like a work machine designed and controlled for work, but rather a subjectivity that needs affections that enhance its being.

KEYWORDS: Violence; Society; Tiredness; Performance.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo analizar los efectos desastrosos del capitalismo en relación con la figura del trabajador y el tipo de sociedad que se ha constituido a lo largo de los siglos de la humanidad a través de la visión principalmente de Byun-Chul Han, pero también de Baudrillard, Krenak, Gadamer et al. Con el objetivo también de brindar una breve contextualización de la presencia del capital como resorte de explotación y alienación, buscamos verificar cuáles son las mejores estrategias para aliviar los diversos problemas físicos y emocionales que afectan el mercado laboral. El tipo de investigación que se adoptó es la investigación bibliográfica, la cual consiste en una revisión de la literatura, analizando los puntos principales de la obra *The Fatigue Society*. Así, se concluye que el estudio llegó al corazón de la necesidad humana, ya que el ser humano no es como una máquina de trabajo diseñada y controlada para el trabajo, sino una subjetividad que necesita afectos que potencien su ser.

PALABRAS CLAVE: Violencia; Sociedad; Cansancio; Actuación.

INTRODUÇÃO

A reflexão em torno das questões voltadas para mundo do trabalho e para o capitalismo é a pauta de várias discussões atuais, algo que tem sido preocupante e, ao mesmo tempo, necessário em tempos tão sofríveis e difíceis. A exploração e os avanços do sistema capitalista são realidades iminentes e, por isso, buscam-se as melhores condições de trabalho e de vida humana para todos que habitam o submundo do trabalho, como único refúgio, em meio à tantas necessidades e desigualdades sociais.

As diferentes realidades dos trabalhadores, a que eles são submetidos, tais como as diversas formas de dominação e de manipulação, como cita Byung-Chul Han: “A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre.” (2017, p.46), denotam um grave problema, o que tem tornado o mundo cheio de ofensas, discórdias, intolerância, ódio e violência, dentro e fora dos espaços de trabalho.

A humanização dos indivíduos deve ser um processo contínuo, mesmo que as condições de trabalho caminhem na contramão disso. Portanto, é mister um olhar mais crítico para as realidades, sobretudo para aquelas em que há corrupção e alienação que se concretizam em vários momentos. O processo de conscientização precisa, pois, começar desde a infância, para que esse trabalhador seja muito mais preparado para não se deixar levar pela sociedade do desempenho.

Logicamente, o capitalismo tem efeitos desastrosos, que não se resolvem a curto prazo. Os problemas que nos acompanham estão basicamente no fato de que o sistema capitalista é uma antítese econômica e política que ora impede os avanços; ora gera a alienação e corrupção. Pautado na escravidão e na dominação, o capitalismo torna os homens e mulheres, muitas vezes, na prática, em escravos e escravas do trabalho. Como bem cita Han (2017, p.29-30): “Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho.”

Contrário a isso, a transformação social que se almeja conquistar é uma maior e melhor liberdade dentro do mundo do trabalho; que gere felicidade, satisfação pessoal e profissional. Exercendo dessa maneira uma atividade prática e transformadora, a qual se insere num trabalho da educação, e que, conseqüentemente, reeduque a consciência dos indivíduos em busca de melhoria e de resultados significativos no universo do trabalho e do trabalhador, em todas as suas dimensões.

Sendo assim, para sejam desenvolvidas ações reais e efetivas se requer um *trabalho árduo*, que vai além de uma teoria ou de uma prática isolada. E que para se materializar será no mínimo necessária uma série de mediações, que são pequenas sementes regadas pelo otimismo, pela paciência e pelo amor na arte do ensinar e do educar.

O processo de desumanização do sujeito, então, é um grave problema, que requer uma atenção especial, frente dos diferentes contextos da realidade na qual estamos inseridos, posto que se apresenta com tantas desigualdades e problemas, que exigem

ações e intervenções na forma de políticas públicas para mudar tais cenários, ou pelo menos mitigar os efeitos negativos de tais realidades.

METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho gira em torno da crítica relacionada aos efeitos adversos do capitalismo na figura do trabalhador e na formação da sociedade contemporânea. Explicitação do objetivo principal foi analisar os efeitos desastrosos do capitalismo, destacando o ponto de vista de Byung-Chul Han e outros pensadores como Baudrillard, Krenak, Gadamer, etc. A justificativa para essa escolha desses autores foi baseada na abordagem deles, em relação aos conceitos de exploração, alienação e cansaço, que estão presentes em suas obras, e que miram o conceito da “A Sociedade do Cansaço”.

Quanto à abordagem da pesquisa, o método utilizado é o dialético, o qual pressupõe que os fatos devem ser analisados e revelados de forma contextualizados com a realidade. A tipologia da pesquisa ancorou-se no levantamento bibliográfico, cuja fonte de pesquisa se deu por meio de livros e artigos acadêmicos da área de ensino dos últimos 10 anos. O trabalho teve ainda como base os dados dos portais de pesquisa como: *a Scielo*; *Portal CAPES*; *Google Scholar* e *Science.gov*, buscando fazer uma análise do que vem sendo produzido com maior qualidade acerca de Byung-Chul Han, objetivando tratar analiticamente essas produções, as quais trazem tantas contribuições e visões esclarecedoras ao tema aqui proposto.

Dessa maneira, a explicação detalhada da abordagem adotada ressalta que se trata de uma pesquisa bibliográfica com base na revisão de literatura. Tal pesquisa, no âmbito da filosofia e educação pode ser considerada fundamental para a compreensão aprofundada dos conceitos e teorias contextualizados em nossa realidade contemporânea, enquanto percepção dela.

Apresentação dos principais resultados obtidos na análise da literatura se dará logo a seguir, destacando as contribuições de cada autor para a compreensão do tema, em títulos que relacionam principalmente a questão da sociedade do cansaço e o problema do sono/descanso.

Desse modo, pode-se caracterizar uma análise crítica dos resultados, explorando as interconexões entre os conceitos abordados pelos diferentes autores e sua relevância para a compreensão da problemática proposta. Assim também serão demonstrados a realização e o reconhecimento discursivo das limitações inerentes à própria pesquisa bibliográfica realizada. Logo, haverá um destaque das contribuições do estudo para o entendimento crítico dos impactos do capitalismo na sociedade e no trabalhador, sugerindo possíveis novas direções para pesquisas futuras, considerando criticamente as lacunas identificadas durante o desenvolvimento do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A Sociedade Do Cansaço

Em pleno século XXI, em meio ao imediatismo e um mundo superconcorrido, surge aquilo que os especialistas chamam de *Sociedade do Cansaço*. Uma expressão que segue a ideia também de uma sociedade do fracasso, e que ganhou notoriedade sob a teoria do filósofo Byung-Chul Han (2017), que faz estudos específicos sobre esse momento de crise e caos social, em uma sociedade tão conturbada, dominada e cheia de complexidades.

Ao abordar essa temática, somos direcionados para a discussão da violência neuronal, que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, sob as mais diferentes formas. Estudiosos de cada época, desenvolveram teorias e pensamentos distintos para explicar e justificar comportamentos e atitudes da sociedade dentro de cada temporalidade histórica.

A época neuronal pode ser caracterizada como uma época da positividade e do egocentrismo, em que as pessoas passam por um processo de desumanização e são impulsionadas a serem superprodutivas, através de mensagens positivas, transformando-se em indivíduos autoexploradores de si. Isso acaba desencadeando assim doenças neuronais como depressão, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), síndrome de Burnout, entre outras que assustam e preocupam vários especialistas de diferentes áreas do conhecimento, sobretudo, da área das ciências da saúde, o que nos leva a crer que estamos imersos numa perspectiva mentalmente patológica no atual século XXI.

Han (2017), por sua vez, também explora a questão da impossibilidade de uma revolução atualmente, apontando para a estabilidade do sistema de governo neoliberal e a falta de resistência eficaz contra ele. Han destaca a autoexploração presente na sociedade atual, na qual as pessoas se autoexploram até o esgotamento físico e psicológico, sem se revoltarem contra os fatores externos que legitimam esse tipo de movimento. Essa autoexploração tende a ser vista como uma forma de agressão interna, substituindo a agressão externa, que poderia levar a uma revolução, e culpabilizando os próprios indivíduos na ânsia de serem promovidos e reconhecidos por seus trabalhos.

Uma passagem que evidencia essa argumentação é quando Han menciona que "Hoje nos jogamos euforicamente no trabalho até nos esgotarmos. O primeiro nível da síndrome de burnout é precisamente a euforia. Burnout e revolução são exclusivos" (Han, 2022, p. 31). Isso ressalta a ideia de que a exaustão causada pela autoexploração no trabalho impede a possibilidade de uma revolução, pois a euforia inicial se transforma em burnout, levando à falta de energia para se revoltar contra o sistema vigente.

A sociedade, no âmbito das ciências humanas, costuma ser pautada por estudos multidisciplinares, o que ocorre em comum nessas dimensões plurais é justamente a exclusão descrita por Michel Foucault (1979), como uma sociedade que se organiza de forma coercitiva. Sociedade essa que se enfatiza ainda sobre o fenômeno da violência neuronal, ao afetar vários indivíduos de diferentes formas e circunstâncias particulares e peculiares; sendo, então, uma sociedade repleta de estranheza e que precisa imediatamente de uma atenção especial para evitar o caos da mesma. Han (2017) diz que hoje em dia, a sociedade é composta de lugar das alterações, que por sua vez, resulta na indiferença e na estranheza, o que por último se concretiza como um tipo violento de reação.

A violência pode vir sob diferentes formas e intensidades. E esse conceito é interpretado por Han (2017) ao citar Baudrillard, conforme o qual, a tal violência é a própria transparência do mal. Os referidos autores interpretam que, o sistema político e ideológico que temos, fortalecem os mecanismos de violência nas suas diferentes formas, sem concederem o direito de defesa para os mais fragilizados.

As doenças neuronais são resultados da violência da positividade, superprodução, superdesempenho e de uma hipercomunicação que, com o apoio das TICS, tiveram um

crescimento atual significativo. O esgotamento, a exaustão e o sufocamento da sociedade têm formado indivíduos cada vez mais problemáticos e com sintomas de doenças neuronais preocupantes a curto, médio e longo prazo.

As manifestações de uma violência neuronal acontecem de diferentes formas e isso precisa de atenção e de tratamento específico para amenizar os impactos negativos da sociedade do desempenho, na qual muitos caminham para o caos social e pessoal. Para Bel (1999), esta é uma característica presente numa sociedade pós-industrial de autocontrole.

Um exemplo análogo é o da teoria da violência de Baudrillard, o qual descreve um cenário preocupante, pois tal processo consiste numa espécie de raiva que acontece em rede, ainda que de forma virtual, ela se presentifica de uma forma viral como uma pequena semente do mal com efeitos desastrosos.

Por isso, ao abordar a questão do estruturalismo para compreender o limite entre o real e a imaginação, que tanto se confundem nas diferentes circunstâncias, Baudrillard (1973) enfatiza o problema do trabalho e a hiper-realidade que tanto nos fere, quanto nos faz também agressores.

Dito isso, a ideia de Baudrillard, evocada por Han, trata a maneira como o consumo extrapola os limites do valor de uso e do valor de troca. A realidade virtual na qual vivemos, a hiper-realidade, estruturada pela informação e pela tecnologia é ambigualmente benéfica e maléfica, impulsionando, a esse modo, a superprodução e o consumo excessivo, que por sua vez, geram a dispersão de valores fundados numa sociedade que possui sentidos distorcidos (BAUDRILLARD, 2001).

Para Han (2017) existe a genealogia da violência, um ponto importante em que muitos estudiosos deveriam se aprofundar em tal pauta de estudos, para tentarem entender o comportamento e as ações violentas. É o que ele chama da violência da positividade, que se apresenta em uma sociedade aparentemente permissiva e pacificada, como cita Han (2017, p. 19): “A violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. Desenvolve-se principalmente numa sociedade permissiva e pacificada, habitando dentro do interior e exterior de cada indivíduo. Numa sociedade de troca de informações e de mercadorias, que segue a hierarquia da violência da positividade, se assume a posição da opressão, que impulsiona o consumismo praticamente sempre quando o oprimido consegue se emancipar.

Em uma sociedade de consumo, Baudrillard (1970, p. 242-246) criticava o pensamento construído sobre o trabalho, haja vista que aparece como compra e venda do nosso tempo de trabalho, com o qual a sociedade da produção classifica o trabalho não somente como uma necessidade, mas também como uma imposição econômico-cultural, que, por sua vez, torna-se um tipo de violência.

Atualmente, o modo de ser do indivíduo se enquadra dentro de um perfil de mercado neoliberal, onde se produzem novos corpos dóceis e autoexplorativos, o *empresariamento* de si mesmo, em que consiste num tipo de violência consentida. O lazer é um dever, mas poucos têm esse privilégio de férias ou de tempo livre, pois não existe tempo livre na sociedade do desempenho.

Assim, temos um exército de pessoas condenadas à fadiga da vida laboriosa, dentro de uma sociedade ainda primitiva, que não bastasse, é improdutiva de requisitos de valores e de princípios. No mundo global, no qual que vivemos, sempre irão surgir novas formas de violência (seja simbólica, patrimonial, jurídica, médica etc.), que são imanentes ao sistema capitalista alienante e alienador. A violência neuronal é vista, então, como um terror, um horror, uma estranheza que tornam os indivíduos saturados, excluídos e exaustos sob várias perspectivas, quer sejam elas as literais, quer sejam, as figuradas. A identidade do trabalho ainda está pautada no ter e muito pouco no ser. Isto é, o trabalhador é visto como mais uma vítima passiva do sistema, que força o consumo, a dominação e a exploração em todas as circunstâncias (Baudrillard, 1972).

Portanto, a disseminação da violência neuronal, conforme discutida em "Capitalismo e Pulsão de Morte", de Byung-Chul Han (2022), é comparada a um vírus que deixa rastros de traumas destrutivos por onde passa, causando cicatrizes dolorosas que perduram. Nesse contexto, os indivíduos se tornam cada vez mais vulneráveis e manipuláveis, sem condições básicas de defesa diante desse sistema opressor. Nesse sentido, destaca-se que os sofrimentos psíquicos do capitalismo contemporâneo, como a epidemia de depressão, não são novos, posto que já vêm sendo impostos aos sujeitos e contribuindo para uma sociedade simultaneamente depressiva e maníaca desde as primeiras revoluções industriais.

Indo além, a origem da violência neuronal, abordada em "Capitalismo e Pulsão de Morte", está enraizada em uma violência sistêmica, conforme Baudrillard (1977)

argumentou sobre o fetichismo da mercadoria, que atribui valores de troca e de uso na objetificação dos próprios indivíduos. Nesse contexto, a produção real e o trabalho real são esvaziados de afetividade, princípios e valores, perpetuando um ciclo de alienação e desumanização. É importante ressaltar que, ao contrário de um vírus externo como foi a pandemia da Covid 19, os males psíquicos como burnout, TDAH e depressão são agentes internos que se manifestam no indivíduo, sendo frequentemente atribuídos à sua suposta falha em se adequar às demandas da sociedade neoliberal, gerando um ciclo de culpa e autoexigência implacável.

A *sociedade do cansaço* do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017), que ganhou notoriedade em vários cenários das ciências humanas, aparece então para justificar o comportamento de uma humanidade inserida em um contexto digital. Neste, as mídias sociais e tecnologias estão cada vez mais acessíveis e interferem diretamente no modo de vida comportamental, de modo que o elemento positividade manipula todo o agir humano, que passa a ser desumano.

Quando se fala do cansaço, várias interpretações podem ser apresentadas, segundo de Han (2017, p.76): o cansaço é uma resposta do corpo para o excesso de positividade e cobrança que a sociedade impõe. “O cansaço de esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer qualquer coisa”. Sendo assim todo o agir humano é imobilizado, inerte, sem capacidade de reação, interferindo, assim, na subjetividade, no cognitivo, nas faculdades mentais, dando espaço à violência simbólica e desencadeando as doenças neuronais.

A violência da positividade retrata um cenário em crise e de esgotamento físico e emocional. Uma sociedade que impõe limites, com uma maestria de violência não física, mas emocional e de crueldade para os mais fragilizados. Enquanto o verdadeiro problema é a sedução imposta pelo sistema capitalista que atrai, engana e faz de reféns suas presas (Baudrillard, 1983).

Ademais, a nova estratégia capitalista de controle e poder dá-se no que Han irá definir de psicopolítica:

Hoje, caminhamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento

de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo. (Han, 2018, p.23).

Esta nova espécie de controle reverbera cada vez mais no indivíduo, a sensação da autogerência, do autoempreendedorismo, o ideal de indivíduo 24/7 (24 horas por dia, 7 dias da semana), portanto, o suprassumo do controle de uma sociedade do desempenho, gerindo a psiquê do sujeito.

A normalização da exaustão é basilar nesta sociedade, pois momentos de lazer e tranquilidade são assimilados à sensação do “fazer nada”, conseqüentemente, o indivíduo se encontra em uma realidade que o descanso é exaurido pela vontade de continuar a trabalhar.

Na medida em que a sociedade do cansaço se mostra como algo cada vez mais natural, toda essa violência acontece de forma disfarçada e escancarada. Significa, de certo modo, que pensar e produzir tais ideologias de dominação aos dominados é algo também natural.

Em sua permissividade, ou melhor, em sua afabilidade, o poder põe de lado sua negatividade e se passa por liberdade [...] O sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão. O contexto de dominação permanece inacessível a ele. É assim que ele se sente em liberdade [...] Ao contrário, ele nos convida a compartilhar incessantemente, participando dando opiniões, comunicando necessidades, desejos e preferências, contando sobre nossa própria vida. Esse poder afável é, por assim dizer, mais poderoso que o repressor. (Han, 2018, p.26-27)

A imersão profunda e viciante no mundo digital, gerou conseqüências irreversíveis para a sociedade, o que de certa forma, contribuíram para a construção desse tipo de sociedade. Lidamos com um mundo mentalmente adoecido, seja ela na forma literal ou figurativa (Baudrillard, 2000).

O cansaço excessivo e, que com isso, gerou uma série de distúrbios de saúde, como sedentarismo, miopia, transtorno de desvio de atenção, depressão, dismorfia corporal, ansiedade e tantos outros que estão ligados à “sociedade do desempenho”. Desde os fetiches, da dominação, da manipulação e das aparências que são gerados pela cobrança de uma produtividade constante, até à falta de condições mínimas para tal proeza. Han (2017, p. 71) diz: “O cansaço do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando.” E isso, leva muitos a várias situações de doenças, não só do corpo, mas também da mente humana.

A autoexploração é um fenômeno que ocorre em decorrência do hiperconsumo, que é uma busca incessante pela multiplicação de bens sem nunca, se alcançar a satisfação com aquilo que se adquire. Esse cenário vem se repetindo como um ciclo vicioso em todas as temporalidades históricas. O capitalismo, enquanto um sistema baseado na busca incessante de acúmulo de capital, ou apenas, a maximização de lucros (Galbraith, 1982 e 1988).

O capital impõe o tempo todo o modismo, que é parte do *modus* moderno, a necessidades e o consumo se relacionando com o valor de uso, de troca e o desejo imposto em nome sempre da quantidade e não da qualidade (Lane, 2002). A estratégia capitalista é de quase sempre impulsionar o desempenho acelerado e exploratório do trabalho de forma desumana, para aqueles que não têm nenhuma perspectiva de liberdade do seu próprio tempo e que se abdicam de atividades simples como, a leitura de um livro, assistir a um filme, passear, fazer compras em lojas físicas ou até mesmo jogar conversa fora em uma roda de amigos etc.

Atividades lúdicas que dão descanso e desfragmentam a fadiga; e que poderiam amenizar a saúde física e mental do trabalhador, estão em uma constante suspensão, tornando-se um agravante no decorrer dos anos de trabalhos exercidos, porque simplesmente, a maioria das pessoas não tem mais tempo para cuidar de si mesmas. Como afirma Han (2017, p.96): “O sujeito de desempenho explora a si mesmo do modo o mais efetivo, quando se mantém aberto para tudo, justo quando se torna flexível.”

Uma condição clássica, que é comum dentro de uma sociedade que gira em torno do trabalho, do sub trabalho e do trabalho desumano e exploratório, é o processo de terceirização, decorrente da informalidade do trabalho no Brasil, e que no mundo cresce com a *uberização* de muitos segmentos econômicos.

É impossível escapar dos aplicativos como hipermaterializações da indústria de alta tecnologia dentro da era da hiper-realidade, das empresas hiper-reais que veem os indivíduos como seres manipuláveis e que estão espalhados em todas as profissões existentes e aquelas, que ainda surgirão (Baudrillard, 1990).

E essa, tem sido a realidade de muitos trabalhadores, que são submetidos aos mandos e desmandos de um aplicativo que impõe e explora seus trabalhadores a horas exaustivas de trabalho repetitivo e cansativo. E às vezes, o trabalhador, sem a devida

consciência daquilo que faz, muito menos do valor daquele trabalho ali desenvolvido. Isso corrobora com a ideia de que o sistema econômico capitalista, movido pelo autointeresse, gera, como externalidade negativa inerente à desigualdade social, um mal-estar que afeta milhões de pessoas em todo o planeta (Ferreira, 2000).

Assim, os desgastes e a enorme perda de energia do cérebro se tornam um ciclo que se repete todos os dias nas mais diversificadas profissões em todo o mundo. A sociedade do desempenho expressa o modo de viver do indivíduo que está imerso na lógica autofágica do capitalismo neoliberal, trabalha até sua completa exaustão metabólica em nome de uma rentabilidade profissional, que na maioria das vezes, não lhe deixa escapatória de vida e sim de uma sobrevida (Costanzi,1995).

Rentabilidade essa criticada nas reflexões de A Sociedade do Desempenho, quando se caracteriza por impor uma espécie de sujeição silenciosa ao trabalhador. Como se não houvesse nem mais a utopia da liberdade. O que existe no dia a dia é a perspectiva de competição de lucratividade e a ideia do mais forte é quem vence.

Nessas condições, os sujeitos são reféns desse sistema que extrapola todos os limites da eticidade em nome das metas produtivas insalubres para enriquecer ainda mais os donos e proprietários dos meios de produção. O esgotamento psicofísico do trabalhador é a realidade de muitos que não conseguem mais produzir e avançar dentro de suas respectivas carreiras profissionais. Parte desses trabalhadores, que são submetidos todos os dias a um regime de trabalho exagerado, estão além do declínio vital na sua falência completa (simbólica, econômica, física). Nesse percurso alienador, a dor é o grito de socorro, que todos os dias dá o seu eco, mesmo no silêncio e na falta de voz daqueles que não têm mais energia para reivindicar algo (Dieese,2020).

Não há vencedores na jornada continuada do capitalismo neoliberal, porque eles são incorrigíveis e indestrutíveis. Edgar Morin (2010, p. 48), fala da “positividade sem negatividade transforma as coisas humanas em pedras. É o outro rosto da morte”, que todos os dias silenciosamente ou não, mata a cada milésimo de segundo um pouquinho de cada um de nós, enquanto trabalhadores.

Situações de submissão voluntária ou involuntária acontece todos os dias nos mais diversos cenários e realidades. O processo exaustivo e abusivo do universo do trabalho é a

vida ou, melhor dizendo, a sobrevivência de milhares de pessoas em toda a dimensão do planeta terra.

David Le Breton aponta que “Os tempos mortos desaparecem. E a vida cotidiana é inteiramente colonizada por uma urgência sem fim, que se estende para fora da empresa, não poupando mais nem a vida pessoal nem a familiar” (Le Breton, 2018, p. 62).

A vigília operacional acontece todos os dias. E isso vem como um ciclo vicioso. A ideia de servo remete à dominação e à exploração. Tal ciclo vem contextualizado com a fala de Vincent de Gaul:

A cada período de seu desenvolvimento, o indivíduo deve estabelecer uma contabilidade existencial para demonstrar sua empregabilidade. A vida humana deve ser produtiva. A sociedade se torna uma vasta empresa que integra aqueles que lhe são úteis e rejeita os demais (Gaulejac, 2007, p. 182)

Para o sujeito da sociedade do desempenho, é forçosamente ofertado condições de prisão e alienamento, uma nova forma de suicídio que é um ritual lento, mas bastante doloroso para o indivíduo, é assumido pelo próprio papel idiotizado de um indivíduo em meio ao contexto em que está inserido, ainda mesmo para aqueles que já se encontram sob a tutela de um trabalho estável. Todos acabam anestesiados pelas circunstâncias vividas em uma rotina focada no desempenho.

Os esforços humanos, no que se refere às condições de trabalho e de subtrabalho, em um regime capitalista explorador e que sustenta a exploração, vai em passos largos na direção da morte em várias dimensões. É degradante a situação atual que temos diante da exploração e da alienação, pela qual os indivíduos são submetidos cotidianamente a agressões simbólicas.

Para Byung-Chul Han (2017, p. 85-86) “A coação do desempenho força-o a produzir cada vez mais. Assim, jamais alcança um ponto de repouso da gratificação. Vive constantemente num sentimento de carência e de culpa. E visto que, em última instância, está concorrendo consigo mesmo, procura superar a si mesmo até sucumbir.”

A estrutura de uma sociedade do cansaço é a consequência do modelo de um sistema escravizante e alienador. A sociedade do cansaço forma uma sociedade de zumbis produtivos que estão corroídos no âmago, exauridos, sem brilho e sem vida própria.

A Necessidade Do Sono

A sociedade do desempenho enaltece a alta capacidade operacional de produtividade dos indivíduos. Estabelece um modo de vida que se expressa por um excesso ou tirania da positividade, produzindo sujeitos que sempre buscam novos ganhos. Com isso, os indivíduos estão condenados a serem sempre multitarefa e constante (auto)produção.

Conforme argumenta Byung-Chul Han (2017, p. 27) “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão do desempenho. Vista a partir daqui a Síndrome de Burnout não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida.”

O sono é um estado metabólico e ontológico de suma importância para os indivíduos em todas as suas dimensões, visto que é no sono que o ser humano pode sonhar, seja com os impulsos recalçados do dia a dia, seja com realizações de fugas oníricas das realidades com enormes contradições e contrastes. Ou simplesmente se recuperar para mais um dia de trabalho.

A qualidade do sono foi afetada de forma direta pela sociedade do desempenho. E isso, compromete os dias de vida que temos. O que antes era para ser um indicador de longevidade, tornou-se um problema pela falta de sono com uma real qualidade. Há uma invasão dos inúmeros dispositivos digitais responsáveis por essa perda de sono regenerador e reparador. A sociedade do desempenho é sinônimo de crescimento doentio e entumecido de pessoas com inúmeros problemas e dificuldade dos mais variados tipos e gêneros.

A reconfiguração de uma vida corrida, nas horas excessivas de telas, é o palco montado para a perda de vários hormônios responsáveis pelo sono. Para Jonathan Crary,

A imensa parte de nossas vidas que passamos dormindo, libertos de um atoleiro de carências simuladas, subsiste como uma das grandes afrontas humanas à voracidade do capitalismo contemporâneo. O sono é uma interrupção sem concessões no roubo de nosso tempo pelo capitalismo (Crary, 2014, p. 20).

As revoluções socioeconômica e tecnológica impactam tais realidades, posto que os indivíduos adoecem muito mais e com uma velocidade incrível, lotando consultórios e ambulatórios das mais diversas especialidades. O capitalismo neoliberal, gera vários problemas no que se refere à qualidade do sono. Com isso, a longevidade da vida também é afetada de forma covarde e cruel de todos os envolvidos direta ou indiretamente. Conforme aponta Hans-Georg Gadamer (2016, 143) “Uma das grandes forças curativas da vida é o fato de, todas as noites obter o sono, que funcionam com o poder curativo, servindo de antídoto para os muitos sofrimentos pesado”.

O ato de dormir é vital para todos, no entanto, essa necessidade tem sido roubada pelas muitas preocupações resultantes de carga excessiva de trabalho. A natureza orgânica de uma sociedade cognitivamente adoecida gera uma série de problemas, que se repercutem em estatísticas e pesquisas das mais diferentes áreas e campos de estudos. Só se encontra equilíbrio físico e o emocional mediante a um conjunto de ações específicas, como um trabalho digno e uma noite reparadora.

A organização civilizacional dessa sociedade do caos segue um rumo equivocado, distorcido e desorientado. Os riscos são inevitáveis e estão em todas as partes, sendo necessária uma mudança de estilo, de comportamento, de ideologias para essa e para as futuras gerações.

A preocupação é que justamente a juventude precisa ser atendida e compreendida para além da realidade imposta. Uma sociedade que apresenta um desenvolvimento civilizacional violento, que beira ao primitivismo, ressalta ainda mais um lado animal do ser humano, como argumenta Han (2017, p.31-32): “A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem.” Ou seja, o indivíduo está sempre ansioso e desconfiado em relação aos movimentos do entorno. A confiança e a cooperação são coisas que vêm desaparecendo ao longo da história da humanidade que não sonha mais, porque nega o sono: “A negação do sono é uma desapropriação violenta do eu por forças externas” (Crary, 2014, p. 16).

Os estudos mais pragmatistas do capital dizem que passamos mais de um 1/3 da vida dormindo e esse tempo “desperdiçado” é a causa básica do fracasso material, pessoal, espiritual de muitos. O discurso enfadonho das ideologias, sejam elas politicamente

corretas ou não, é de que tudo vai dar certo e que políticas públicas sociais vão resolver as problemáticas mundiais em nome de um falso “neoliberalismo”, que não se compromete justamente com a sociedade.

Conforme Ailton Krenak (2022, p. 113) “O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizam tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos”.

Para uma sociedade enferma e com vários problemas de diferentes naturezas não há remédios e artefatos terapêuticos milagrosos que possam melhorar sua qualidade de vida. O que há é o prolongamento do sofrimento, do trabalhador assalariado, submetido a uma hierarquia da produção e exploração de opressões. O sonho do trabalhador é se aposentar, mas mal sabe ele que quando isso acontecer, estará acometido de múltiplas doenças degenerativas. A indústria farmacêutica se beneficia dessa lógica perversa do mercado capitalista, produzindo exploração e ganhando com o adoecimento da população mundial.

No contexto da sociedade capitalista os maiores interessados e comprometidos com a violência consentida são os que ocupam a cúpula da pirâmide financeira, que histórica e culturalmente são especialistas na arte de dominação e de exploração.

Se, por exemplo, a taxa de juros cair e as condições de mercado determinarem a redução [dos preços – CMG] das mercadorias abaixo dos seus preços de custo, o industrial [que utiliza crédito – CMG] pode reduzir o preço da mercadoria sem reduzir a taxa do lucro industrial; ele pode mesmo reduzi-lo [o preço] e obter um lucro industrial maior, o que, no entanto, representaria para aquele que só trabalha com capital próprio, uma queda da taxa de lucro; do lucro bruto (Marx, 1983, p. 1507).

Para Cioran (2012, p. 15-16), a lucidez da mente humana está comprometida pela prática contínua dos centros de microtorturas de uma sociedade tóxica. Toxinas do capitalismo se consolidam nos alimentos cultivados com agrotóxicos e produtos híbridos, tal qual a ideia da carne artificial.

O resultado é um organismo humano deteriorado e uma sociedade corrompida em vários aspectos (Gaulejac, 2007). O trabalho sob a égide gerencialista e capitalista é a invasão violenta, que atinge não só o corpo, mas todas as estruturas do ser humano. A sociedade do desempenho é marcada pelo princípio de satisfação incontrolável do desejo de poder e de dominação. Para Han (2017, p.107) “A economia capitalista absolutiza a

sobrevivência. Ela se nutre da ilusão de que mais capital gera mais vida, que gera mais capacidade para viver”.

Podemos afirmar, então, que o capitalismo neoliberal é uma espécie de fascismo do gozo, que induz o caminho do consumismo e ao processo de esgotamento dos indivíduos. Para Jean Baudrillard (1992, p. 47): “Somos a cultura da ejaculação precoce. Cada vez mais, qualquer sedução, que é um processo altamente ritualizado, apaga-se por trás do imperativo sexual naturalizado, por trás da realização imediata e imperativa de um desejo”.

A engrenagem consumista de todo o sistema de produção se prolifera em nossa realidade como uma rede ou um ciclo vicioso.

Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até a ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra comum de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões (Krenak, 2020, p. 24-25).

Uma transformação radical da sociedade seria necessária para romper, com essa camisa-de-força, que aliena e segrega os indivíduos. A realidade nos faz compreender que o sistema capitalista é um mundo de castração moral, ética e pessoal dos indivíduos, sem a alternativa de recuperação ou reconstrução desses princípios e valores.

Assim como a sociedade do desempenho expõe o estado de dor, seja ela literal ou figurada. A anestesia da alienação e da corrupção é praticada por meio da “positividade”, e isso gera sofrimento psíquico acumulado ao decorrer de todos os anos de rotina profissional e pessoal, diariamente ocorre uma guerra interna da qual nunca sairemos vencedores, como cita Han (2017, p.29) “O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra.”

A trágica vida do trabalhador não tem direito ao fracasso, não é admissível ser um *loser* (Andrade, 2019), tonificado das situações de fracasso gerencial, que somente reforçam a decepção existencial e risco de frustração (Han, 2021, p. 78). O corpo é testado ao limite como prova da resiliência individual numa busca constante de sobrevivência.

A doença, o luto, a fraqueza, a impotência e a depressão são vitrines de uma sociedade comprometida e cheia de problemas alimentadas pelo espírito do produtivismo do consumismo neoliberal.

Para Byung-Chul Han:

Vivemos para sobreviver. A história da saúde e da mania de otimização são refugos da falta de ser predominante. Tentamos compensar o déficit do ser por meio do prolongamento da vida crua. Desse modo, perdemos toda sensibilidade para a vida intensa. Nós a confundimos com mais produção, desempenho e consumo, que, porém, não representam nada senão formas de sobrevivência (Han, 2023, p. 93).

O capitalismo tecnocrático, que interfere na saúde do ser humano, visa capacitá-lo a gerar riqueza para os detentores dos meios de produção e, em troca, obter o seu salário, comprometendo a dignidade humana e formando um ciclo de sofrimento ativo e de uma dor, que se manifesta na corporeidade humana, na consciência e na alma dos indivíduos.

Voluntaria e involuntariamente, os indivíduos rumam para uma morte precoce, que simboliza a incapacidade do viver. Uma vida que foi desde a sua gestação comprometida, com a finalidade do caos. O corpo, a mente e a consciência carregam um peso que foi acumulado ao longo dos anos de um cansaço incessantemente silencioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio evidenciou que a violência é explícita dentro daquilo que foi denominada de sociedade do cansaço e do desempenho, nas quais um dos maiores vilões de todos, com efeitos desastrosos, é o sistema capitalista.

A violência simbólica e estrutural, sempre crescente nos mais diferentes cenários e realidades, demonstra que não existe de fato uma transformação da sociedade num sentido evolutivo, mas sim involutivo, continuando assim o ciclo de exploração e de dominação, mesmo em épocas consideradas tão difíceis como a da pandemia da COVID 19. Um tipo de educação numa sociedade reprodutora e alienada, dentro dos moldes de um estado corrompido, é uma sociedade de ideologias contraditórias, ambíguas, cheias de

complexidades que contribuem para mais exploração e alienação dos indivíduos imersos em *fakenews* e valores fetichistas.

Para Byung-Chul Han, autor da obra “Sociedade do Cansaço”, tal pandemia pode ser caracterizada como um espelho das nações. Em sua obra, artigos e entrevistas, o autor traz uma análise da rapidez com a qual as pessoas se conectam, se movem e vivem no cenário atual. A velocidade, tem como consequência o esgotamento social e individual e a auto exploração. Apesar de seu livro a “Sociedade Do Cansaço”, ter sido lançado antes da disseminação do vírus, o escritor, que é considerado um dos maiores filósofos vivos, publicou diversos artigos com observações profundas a respeito da pandemia. (Pereira, 2021, p. 205).

Em meio à sociedade do desempenho, exalta-se a habilidade operacional elevada dos indivíduos, promovendo um modo de vida caracterizado pelo excesso e pela tirania da positividade, resultando, dessa maneira, na incessante busca por conquistas. Nesse contexto, as pessoas são inevitavelmente compelidas a desempenhar papéis multitarefa de forma constante, tornando-se sujeitos submetidos à incessante (auto)produção, sem tempo para um sono reparador que se desdobre na possibilidade de sonhar e criar utopias. Um mundo de sonho e projeto para a transformação social, transformação essa que exigia novos olhares; utopias que nos dessem uma visão mais sensível para o mundo do trabalho e para o entendimento de que os humanos não são máquinas, e nem fantoches nas mãos daqueles que detêm algum tipo de poder econômico. Resta-nos, contudo, uma atuação somente no âmbito do pensamento crítico.

Por fim, em resposta ao objetivo proposto, foi possível refletir sobre a temática construindo uma visão esclarecedora sobre o trabalho e os efeitos desastrosos, alicerçados na pesquisa e em estudos científicos. Sugerem-se outros estudos dentro da temática em questão, para que sejam aprofundados pontos tão importantes como estes, bem como tantos outros, que fazem parte dessa natureza opressora das formas de trabalho.

É possível, então, indicar os seguintes caminhos: integrar a filosofia de Byung-Chul Han com disciplinas como psicologia, sociologia, economia e ciências políticas para obtermos uma compreensão mais abrangente dos impactos transdisciplinares do capitalismo na sociedade e no indivíduo. Realizar análises culturais dos conceitos de hiper-trans-multiculturalidades, através das produções culturais contemporâneas, como literatura, cinema, música e arte visual, examinando como suas teorias são representadas e interpretadas nos meios culturais. Além disso, por meio das possíveis formas de

resistência ao modelo de sociedade do desempenho proposto por Byung-Chul Han, é possível vislumbrar alternativas viáveis para construir sociedades mais equitativas e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, É. **Losers**. Curitiba : CRV, 2019

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

BAUDRILLARD, J. **Mots de passe**. Paris: Pauvert, 2000.

BAUDRILLARD, J. **A mudança impossível**, Paris: Galilée, 1999.

BAUDRILLARD, J. **O outro por si mesmo**. Barcelona: Anagrama, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Trad. de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1992.

BAUDRILLARD, J. **O espelho da produção**. Paris: Casterman, 1973.

BAUDRILLARD, J. **Le système des objets**. Paris: Gallimard, 1968.

BEL, D. **O advento da sociedade pós-industrial**. Nova York, Basic Books, 1999

BOGARD, W. Fechando o social: o desafio de Baudrillard à sociologia contemporânea. **Teoria Sociológica**, v. 8, n. 1, pág. 1-15, primavera de 1990.

CIORAN, E. **Nos cumes do desespero**. Trad. de Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2012.

COSTANZI, R. N. Mercado de trabalho: dinâmico ou estático. **Boletim Informações FIPE**, São Paulo, abr. 1995.

CRARY, J. **24/7 – Capitalismo Tardio e os fins do sono**. Trad. de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: COSAC NAIKY, 2014.

DIEESE. Que Brasil emergirá da crise do coronavírus? 2020. **Boletim de Conjuntura**, nº 24. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2020/boletimConjuntura024.html>
Acesso em: 03 maio. 2023. <https://www.dieese.org.br/boletim>.

FERREIRA, F. H. G. Os determinantes da desigualdade de renda no Brasil: luta de classes ou heterogeneidade educacional. In: IPEA. **Desigualdade e pobreza no Brasil**. 2000.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GAULEJAC, V. de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Trad. de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

GALBRAITH, J. K. **Criados desiguais**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

KING, A. **Uma crítica da hiper-realidade de Baudrillard: rumo a uma sociologia do pós-modernismo**. Filosofia Social Crítica, 24, 47, 1998.

HAN, B. **Vita Contemplativa ou sobre a inatividade**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2023.

HAN, B. **Capitalismo y pulsión de Muerte**. Traducción de Alberto Ciria. Barcelona: Herder Editorial, 2022.

HAN, B. **Sociedade Paliativa: a dor hoje**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço** (2ª edição ampliada). Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. 7. ed. Belo Horizonte, Minas Gerais: Âyiné, 2018.

LANE, R.J. **Jean Baudrillard**. Londres: Routledge, 2000.

PEREIRA, C. O que o pós pandemia nos reserva? Sociedade paliativa de Byung-Chul Han. **Revista Cacto**. V. 1, N. 2, 2021. Disponível em: <https://semiaridodevisu.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/274/310> Acesso em 03 de Março de 2024.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Vol. I/1. São Paulo: Abril Cultural. 301 p., 1983.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Vol. I/2. São Paulo: Abril Cultural. 1984.

MORIN, E. **Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo**. Trad. de Maria Lucia Rodrigues e Salma Tannus. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SOUZA, F. A. ; ROCHA, G. K. ; SANTOS, D. M. . A educação não formal e sua contribuição para a comunicação e formação social do sujeito. **BOCA - Boletim de Conjuntura**, v. 17, p. 423, 2024.

NOTA SOBRE FINANCIAMENTO

FUNCAP; CAPES.

NOTA SOBRE A AUTORIA

Bruno Freitas Santos – Fez a proposta do artigo e o texto inicial.

Gabriel Kafure da Rocha – Convidou os demais autores e articulou a orientação dos passos e realizou a submissão de acordo com as normas da revista.

Debora Maria dos Santos – Revisou a versão final do texto.

Aline Araújo de Lima – Realizou a primeira revisão conceitual e gramatical.

Rafael Douglas Sousa de Andrade – Realizou a segunda revisão conceitual.

REVISÃO DO ARTIGO

Thyago Teixeira Farias – Mestre em Filosofia pela UECE, Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú.

Recebido em: 21/11/2023

Parecer em: 19/02/2024

Aprovado em: 19/03/2024